

# A Ásia conhecida pelos europeus

## Dos relatos dos autores clássicos aos descobrimentos portugueses

Ana Cláudia dos Santos Joaquim

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

[claudiajoaquim1991@hotmail.com](mailto:claudiajoaquim1991@hotmail.com)

**Resumo** Propõe-se como tema de comunicação “A Ásia conhecida pelos europeus: Dos relatos dos autores clássicos aos descobrimentos portugueses”. Isto é, procura-se compreender de que forma, nos inícios da Época Moderna, a Ásia era conhecida e/ou concebida pelos europeus, uma vez que, como é sabido, os portugueses não foram os primeiros europeus a chegar a este continente. Pela “Rota da Seda”, circulavam não só produtos como também pessoas e ideias. A Rota da Seda, mais do que um ou vários caminhos, compreendia grandes eixos de comunicação euro-asiáticos, tanto terrestres como navais. E é deste modo que outros europeus, nomeadamente gregos e romanos, chegam à Ásia, antes dos portugueses.

E é pelo seu legado escrito que tentaremos compreender de que forma os europeus, em finais do Século XV, inícios do Século XVI, conheciam e/ou imaginavam o mundo asiático. E, deste modo, de que informações dispunham os portugueses em 1497, aquando da partida de Vasco da Gama de Belém, pois, tal como afirma Juan Gil, “*Su contenido [textos da Antiguidade], en cierto modo, forma la base ideológica de la expansión occidental (...).*”<sup>145</sup>

**Abstract** It is proposed as communication theme “Asia known by European: from the classic author’s narrative to Portuguese discoveries”. Namely, it looks to understand in which way, at the beginnings of Modern Era, Asia was known and/or conceived by European, since, as it is known, Portuguese weren’t the first Europeans to reach this continent.

By the “Silk Road” were circulated not only products but also people and ideas. The Silk Road, more than one or several paths, it comprised big Euro-Asiatic communication axis, both terrestrial and marine. And it is by this way that others European, namely Greeks and Romans, arrived to Asia, before Portuguese.

And it is for their legacy that we’ll try to understand how Europeans, at the end of XV century and beginning of XVI century, known and/or imagined the Asiatic world. And so, which informations the Portuguese could have at 1497, when Vasco da Gama left Belem.

On this account, such as Juan Gil says, “*Su contenido [texts of antiquity], en cierto modo, forma la base ideológica de la expansión occidental (...).*”<sup>146</sup>

---

<sup>145</sup> Cf. Juan GIL, *La India y el Catay - Textos de la Antigüedad clásica y del Medievo occidental*, Madrid, Alianza Editorial, 1995, p. 11.

<sup>146</sup> Cf. Juan GIL, *La India y el Catay - Textos de la Antigüedad clásica y del Medievo occidental*, Madrid, Alianza Editorial, 1995, p. 11.

## AUTORES DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA

Inicialmente, quando este trabalho foi concebido, havíamos decidido abordar as obras de quatro autores da Antiguidade Clássica em específico: Heródoto, Ctesias, Plínio, o Velho, e Arriano. Isto é, dois autores gregos e dois autores romanos, respetivamente. Ainda que sejam estes os autores mais analisados no decurso desta pesquisa, a verdade é que, por vezes, se irá fazer referência a outros, nomeadamente a Estrabão ou a Pompónio Mela, uma vez que os mesmos nos apresentam dados considerados imprescindíveis nesta análise documental.

Antes de passarmos à análise propriamente dita destas fontes, considera-se de extrema importância frisar que os antigos utilizavam o termo "Índia" num sentido bastante lato, abarcando realidades muito diversas, pelo que a Índia a que um autor se refere não é, necessariamente, a Índia a que o outro autor se refere. Cosme Indicopleustes, na sua obra *Topografia Cristã*, diz-nos que conheceu a Índia "exterior". Isto é, a Etiópia, segundo Juan Gil. Por outro lado, a Índia "interior" ou "grande", corresponderia à Índia propriamente dita. No entanto, outros autores, como Odorico de Pordenone, distinguem uma Índia "alta" ou "grande", a China, de uma Índia "baixa" ou "pequena", a Índia propriamente dita. Isto é, estas Índias correspondiam às Índias aquém e além do Ganges, de Ptolomeu. Porém, a estas designações, Marco Pólo veio juntar uma terceira Índia, a "média", ou seja, a Abissínia, designação que foi seguida por Jourdain de Séverac.<sup>147</sup>

Posteriormente, na Idade Média, por influência de Ptolomeu, eram utilizados os seguintes conceitos: Índia "Maior" ou "Cisgangética", para designar o subcontinente indiano; Índia "Menor" ou "Transgangética", para designar o território a este do rio Ganges; "Nilo", que designava a fronteira entre África e Ásia; Índia "média", "terceira" ou "etiópica", referente ao território africano.<sup>148</sup>

---

<sup>147</sup> Cf. *Idem, Ibidem*, p. 94.

<sup>148</sup> Esta questão da nomenclatura é importante, uma vez que, devido ao facto de existirem demasiados termos, não se sabe exatamente a que Índia se referiam as bulas papais recebidas pelos portugueses, em meados do século XV (*Bula Romanus Pontifex*, em 1455, e *Bula Inter Coetera*, em 1456). Estas atribuíam o monopólio dos descobrimentos aos portugueses, tendo

No entanto, a verdade é que, seja a que Índia se referissem os autores clássicos, esta “*sedujo muy en particular la imaginación helénica con el brillo hiperbólico de sus tesoros dorados.*”<sup>149</sup>

E, de facto, a primeira grande potência europeia a interessar-se pela Ásia era liderada por Alexandre, o Grande.<sup>150</sup> Em 331 a.C., este consulta o célebre santuário de Amón, em Siwa, no deserto Líbio, onde o oráculo lhe terá confirmado que conseguiria conquistar todo o Mundo, pelo que o monarca se convence de que ninguém o conseguirá deter.<sup>151</sup> Submetida a Pérsia, Alexandre planeia, então, a sua expedição à Índia, estendendo as suas ambições para lá dos confins do antigo Império Persa. E este poderia ser o momento em que alguns dos seus homens se mostrassem relutantes em continuar. Porém, incentivado pelas lendas da visita do Deus Dionísio à Índia, o seu exército seguiu-o até ao vale do Indo.<sup>152</sup>

Na verdade, segundo Arriano, “*Cuentam muchas historias que, antes de Alejandro, también Dionisio realizó una campaña contra la India y sometió a sus habitantes (...)*”.<sup>153</sup>

Mas também Hércules, antepassado de Alexandre por via paterna, havia ido à Índia: “*El Heracles que, según se cuenta, fue a la India recibe entre ellos el nombre de ‘Hijo de la tierra’.*”<sup>154</sup>

---

por limite a “terra das Índias”. Terra essa que, pelo motivo acima mencionado, não se sabe precisamente qual era.

<sup>149</sup> Cf. Juan GIL, *Op. Cit.*, p. 29.

<sup>150</sup> Macedónio, filho de Filipe II. Este, chegado ao trono da Macedónia em 358 a.C., tinha estendido as fronteiras do seu território até ao vale do Estrimão, na Trácia Ocidental. E nos 20 anos seguintes, devido ao seu oportunismo político e ao seu exército, havia conseguido dominar todo o campo da política grega, impondo aos helénicos uma paz que os próprios não tinham conseguido estabelecer. Porém, um complô gerado na sua própria casa acabou com a sua vida, em 336 a.C. E é, então, que Alexandre, que tinha à data 20 anos de idade, sobe ao poder. Em pouco tempo, Alexandre certificou-se de que toda a Grécia estava controlada por guarnições macedónicas ou por políticos simpatizantes com a sua causa. Assegurada a Grécia continental e a Trácia, Alexandre partiu, logo no ano seguinte, em direção à Pérsia. No entanto, este soberano quis ir sempre mais além. Afirmando-se descendente de Aquiles, por parte da mãe, e de Hércules, por parte do pai, Alexandre conquista Persépolis, capital do Império Persa, em 331 a.C. e em 327 a.C. parte para a Índia, onde se torna rapidamente num soberano indiscutível. Cf. John WARRY, *Grandes Batalhas - As Campanhas de Alexandre 334-323 a.C.. Alexandre Conquista a Ásia*, Barcelona, Osprey Publishing, 2010, pp. 6-11. E Carlos GARCÍA DUAL, “El Último Héroe de Grecia - Alejandro Magno” in *Historia - National Geographic*, nº 67, Madrid, 2009, pp. 44-51.

<sup>151</sup> Cf. Carlos GARCÍA DUAL, *Op. Cit.*, pp. 45-47.

<sup>152</sup> Cf. John WARRY, *Op. Cit.*, p. 72.

<sup>153</sup> Cf. “Arriano” in *La India y el Catay (...)*, p.321.

Sobre as origens do culto a Dionísio veja-se Bernard de GIVE, *Les Rapports de l’Inde et de l’Occident - Des origines au règne d’Ásoka*, Paris, Les Indes Savantes, 2005, pp. 37-44.

Deste modo, considerado um novo Dionísio<sup>155</sup> e legitimada a sua conquista,<sup>156</sup> Alexandre entrou na Índia, pelo desfiladeiro do Khaiber, em 327 a.C. E em apenas cerca de três anos, havia cruzado o alto do Hindu Kush, derrotado o Rei Poro do Punjab e os seus elefantes, vencido o terrível deserto de Gedrósia e reinava como soberano indiscutível de toda a Ásia conhecida pelos gregos.<sup>157</sup>

Assim, a sua marcha vitoriosa para Oriente, só travada pela recusa das suas tropas em irem mais além do rio Indo, veio, então, aumentar o seu reconhecimento como um novo Dionísio e reforçar a sua ascendência a Hércules.<sup>158</sup>

E foi no calor das conquistas de Alexandre, que vários dos seus homens procuraram immortalizar os seus feitos. Nearco, Onesícrito, Ptolomeu e outros pegaram na pena para eternizar as incríveis aventuras pelas quais haviam passado nos confins do mundo, ao passo que, por outro lado, satisfizeram a curiosidade dos seus compatriotas, ávidos em conhecer os mistérios daquela terra enigmática.

Porém, a verdade é que, não tendo tempo de ver tudo, os homens de Alexandre complementaram as lacunas das suas informações com deduções analógicas e, sobretudo, com fantasias, que procuravam corroborar as maravilhas contadas por outros homens que já haviam percorrido sobre a Índia anteriormente. Nomeadamente, de Heródoto e de Ctesias.<sup>159</sup>

---

<sup>154</sup> Cf. “Arriano” in *La India y el Catay (...)*, p. 323.

<sup>155</sup> Considerado o civilizador dos indianos. Cf. Juan GIL, *Op. Cit.*, p. 33.

<sup>156</sup> Pelo facto de se considerar que uma filha de Hércules, Pandaia, tinha sido Rainha da Índia, esta pertencia aos gregos por direito. Era a recuperação de uma herança que lhes pertencia desde a Antiguidade. Sobre isto veja-se *Idem, Ibidem*, p. 33.

<sup>157</sup> Cf. Carlos GARCÍA DUAL, *Op. Cit.*, p.49.

No entanto, os objetivos de Alexandre não eram apenas ideológicos. De querer, simplesmente, ir mais longe que Dionísio ou que Hércules. Depreende-se isto mesmo, quando Juan Gil afirma que, depois de se encontrar no rio Indo, Alexandre enviou um homem da sua confiança, Nearco, fazer o reconhecimento de toda a costa até Susa, na zona do atual Irão. Este reconhecimento tinha como objetivo analisar a praticabilidade de navegação, a fim de levar produtos indianos, como especiarias ou pedras preciosas, para o Mediterrâneo. Ao mesmo tempo que este reconhecimento da costa se processava, o seu exército regressava à Pérsia, através do deserto de Gedrósia. Cf. Juan GIL, *Op. Cit.*, p. 33.

<sup>158</sup> Sobre a divinização de Alexandre veja-se Carlos GARCÍA DUAL, *Op. Cit.*, pp. 44-50.

<sup>159</sup> Cf. Juan GIL, *Op. Cit.*, pp. 33-34.

Na verdade, Heródoto<sup>160</sup> não discorre longamente sobre a Índia. Mas, ainda assim, apresenta dados fulcrais, que levaram os gregos a seduzirem-se pela mesma.

Nomeadamente, quando referiu que “(...) hay (...) oro infinito, uno bajo tierra, outro arrastrado por los ríos y otro cogido de la manera que he indicado.”<sup>161</sup> Isto é, Heródoto afirma que existem formigas, mais pequenas que cães mas maiores que raposas,<sup>162</sup> que quando escavam a terra fazem com que o ouro venha à superfície.<sup>163</sup>

Porém, ainda que para os gregos esta possa ter sido uma das partes mais interessantes do relato de Heródoto, na nossa análise não podemos deixar de referir outras descrições que o mesmo faz, e que nos ajudam a compreender qual o conhecimento que se tinha sobre a Índia no século V a.C..

De facto, o autor começa por nos dizer que “*La muchedumbre de los indios es la mayor con mucho de todos los pueblos que conozcamos (...) Entre los indios hay muchos pueblos que hablan lenguas diferentes; unos son nómadas, otros no (...)*”.<sup>164</sup>

Mas mais do que a diversidade de povos e de línguas, Heródoto faz menção à cor escura dos indianos, comparando-os aos etíopes, e afirma que, à exceção dos cavalos, os animais indianos são os maiores do mundo.

No entanto, o que importa verdadeiramente ter em conta é esta descrição que o autor apresenta sobre alguns indianos: “*Otros tien muy distinta manera de vivir. No dan muerte a nada animado, ni siembran, ni se preocupan*

---

<sup>160</sup> Nascido em Halicarnasso, Heródoto viveu depois em Atenas, onde se familiarizou com a tragédia e com o sofismo, e participou na colonização de Túrios (444/43 a.C.). E foi, precisamente, entre a sua fixação em Atenas e a fundação de Túrios que Heródoto realizou várias viagens, das quais se conta uma ao Egípto e à Mesopotâmia e outra à Cítia, onde viveu até aos primeiros anos da guerra do Peloponeso. A sua obra, dividida em nove livros (número correspondente às nove Musas), conta a história das guerras Médicas, na qual se inserem extensas monografias etnográficas, nomeadamente sobre o Egípto e a Cítia, pelas razões óbvias. Já a parte dedicada à Índia, por sua vez, é bastante pequena, referindo-se o autor à mesma apenas quando faz a lista de todos os países tributários do Império Persa, no tempo de Artaxerxes I (465-424 a.C.). Cf. *Idem, Ibidem*, pp. 143-144.

<sup>161</sup> Cf. “Heródoto” in *La India y el Catay (...)*, p. 149.

<sup>162</sup> Marmotas, segundo Juan Gil. Cf. Juan GIL, *Op. Cit.*, p. 147.

<sup>163</sup> “*De esta manera es como los indios obtienen la mayor parte del oro, según relatan los persas; también se excava algo, pero rara vez.*” Cf. “Heródoto” in *La India y el Catay (...)*, pp. 146-149.

También Pompónio Mela nos fala na existência destas “formigas gigantes”. Cf. “Pomponio Mela” in *La India y el Catay (...)*, p. 247.

<sup>164</sup> Cf. *Idem, Ibidem*, pp. 144-145.

*de tener vivienda, sino que se alimentan de hierbas (...) Quien contrae alguna enfermedad, se va al descampado y se tumba, y nadie se cuida ni del doliente ni del muerto.”<sup>165</sup>*

Ou seja, na nossa opinião, o autor já tem conhecimento da existência<sup>166</sup> do bramanismo e do jainismo.

De facto, o bramanismo desenvolveu-se no período védico-tardio (900-500 a.C.), correspondendo a um clericalismo do vedismo. Este termo vem do sânscrito “veda”, que significa conhecimento. Isto é, o anseio pelas respostas para as dúvidas dos homens. O período védico (1500-500 a.C.) é um período associado a grandes textos religiosos, como o *Rigveda*, que corresponde a um conjunto de hinos, compostos em louvor e honra aos deuses. Estes hinos eram empregues durante os sacrifícios aos deuses. Pois, na verdade, o culto era centrado no sacrifício, na ideia de que a criação do Universo havia resultado de um sacrifício, pelo que havia, não só, de se memorizar este feito mas, também, de alimentar os deuses. Estes tinham que ser alimentados, a fim de não enfraquecerem e de a ordem cósmica não ser posta em causa. Inicialmente, eram sacrificados animais ou, até mesmo, humanos. Porém, com o passar do tempo, e muito por influência do Budismo e do Jainismo, estes passaram a ser orgânicos, com terra, por exemplo.<sup>167</sup> Surge assim a ideia de que os brâmanes não matam ser algum, nem comem nenhum animal, pelo que Heródoto nos dá a entender estar a fazer uma descrição dos brâmanes.

Por outro lado, pela segunda parte da descrição, o autor parece referir-se aos jainas.

---

<sup>165</sup> Cf. *Idem, Ibidem*, p.146.

<sup>166</sup> Mesmo que não tenha consciência disso, o que é o mais natural.

<sup>167</sup> Cf. Romila THAPAR, *A History of India*, vol. I, Londres, Penguin Books, 1990, p. 72.

Durante o período Védico, começa a surgir a ideia de reencarnação, associada ao ciclo lunar. Segundo o vedismo, a lua ia se “enchendo” de almas, até ficar completamente cheia. Depois disto, esta começava a “esvaziar” (em que se associa o quarto minguante), libertando almas para a terra, sob a forma de orvalho, que caía em cima das plantas, potenciando, desta forma, a criação de mais vida.

No entanto, no final do período védico, existiram algumas alterações que levaram ao bramanismo. Uma prendeu-se exatamente com esta questão, em que se começa a pensar que as almas passam a ser alojadas em corpos e não em plantas. E quanto mais recta tivesse sido a vida anterior, melhor seria o corpo em que se iria alojar a nova vida. Mas para além desta questão, torna-se fundamental haver uma profissionalização sacerdotal. Começa a ser necessário que alguém saiba os hinos de cor e que leve a cabo os rituais, não “perdendo tempo” no exercício de outras atividades produtivas. Pelo que o bramanismo está, como o seu próprio nome indica, associado à figura dos brâmanes. Cf. *Idem, Ibidem*, p. 74.

Mahavira, fundador do jainismo, terá nascido por volta de 530 a.C., tendo recebido o cognome de “Jina”, conquistador, de onde terá derivado a palavra “jainismo”. Segundo o mesmo, não existe Deus (nem deuses), existindo, sim, espírito e matéria, sendo que o Homem só encontra a libertação quando o seu espírito se separa da matéria, isto é, na morte ou na ascese. Devido a este facto, o ideal de morte para um jaina é a morte por inanição, uma vez que, através da mesma, a matéria se vai tornando cada vez mais fraca antes da morte.<sup>168</sup>

Assim, Heródoto pode se estar a referir a brâmanes<sup>169</sup> e a jainas, ou pode estar só a reportar-se a estes últimos, uma vez que os mesmos têm como ideal de vida a *Ahimsa*, ideal de vida de não-violência. Expressa não só contra os humanos, mas incluindo também os animais. Estes não deveriam ser mortos, devendo haver um total respeito por todas as formas de vida.<sup>170</sup>

Mas referindo-se a brâmanes e a jainas, ou só a jainas, o que importa frisar é a consciência da existência destes seres “diferentes”, que, ao contrário dos gregos, não comem animais e que não querem ser tratados durante a doença.

Por fim, importa referir que Heródoto tinha a plena convicção de que a Índia era a última terra a Este habitada pelos humanos,<sup>171</sup> o que mostra que a China e o Japão não eram de todo conhecidos pelos europeus, no século V a.C..

Aquando da expedição de Alexandre, o Grande, também já Ctesias havia escrito sobre a Índia,<sup>172</sup> afirmando que tudo o que conta ou foi visto pelo próprio ou teve conhecimento através de pessoas que haviam presenciado tais

---

<sup>168</sup> Cf. *Idem, Ibidem*, p. 74.

<sup>169</sup> Como nos diz Juan Gil. Cf. Juan Gil, *Op. Cit.*, p. 146.

<sup>170</sup> Cf. Claude MARKOVITS (direcção), *Histoire de l'Inde Moderne 1480-1950, s.l., Fayard*, 1994, p. 444.

<sup>171</sup> Uma vez que nos diz que “(...) *la comarca oriental de la India es un desierto a causa de la arena.*”, bem como “*A los confines de la tierra habitada les han tocado en suerte las cosas mejores (...)*”. Cf. “Heródoto” in *La India y el Catay (...)*, pp. 144, 149.

<sup>172</sup> Natural de Cnido, território da actual Turquia, Ctesias foi médico, profissão que lhe vinha de família. Conduzido à Pérsia como prisioneiro chegou, de facto, a ser médico de Artaxerxes II Mnémon (404-359 a.C.), ao lado de quem esteve sempre, durante a guerra contra o seu irmão Ciro. Segundo o próprio Ctesias, terá vivido na Pérsia durante 17 anos, voltando à sua pátria por volta de 398/397 a.C., onde redigiu a sua obra que aqui se apresenta. Segundo Juan Gil, através da mesma, Ctesias procurou, de certo modo, superar Heródoto. Cf. “Ctesias” in *La India y el Catay (...)*, pp. 151-152.

factos e garantido que só não contou outros dados mais assombrosos, por achar que as pessoas não iriam acreditar em si.<sup>173</sup>

Tal como Heródoto, Ctesias começa por declarar que “(...) *los indios son casi más en número que el resto de los hombres juntos (...)*” e que “*No hay otra tierra habitada que se encuentre más allá.*”,<sup>174</sup> uma vez mais, o que estava em causa era a numerosa população indiana e o total desconhecimento de terras a Oriente da Índia.

A obra de Ctesias tem, ainda, o mérito de ser a primeira fonte a descrever o papagaio, ave que ele terá visto, muito possivelmente, na corte persa, segundo Juan Gil.<sup>175</sup>

Fala, também, na existência de uma fonte de ouro, de um rio onde corre âmbar, bem como de montanhas de pedras preciosas.<sup>176</sup> Apesar disso, Ctesias declara que estes materiais são bastante difíceis de se obter.<sup>177</sup>

De seguida, o autor descreve os tigres, animais desconhecidos por parte dos gregos,<sup>178</sup> fala da existência de pigmeus<sup>179</sup> e assevera o total “*desprecio a la muerte*”, por parte dos indianos.<sup>180</sup> No entanto, assegura que estes não adoecem e que podem viver até aos duzentos anos.<sup>181</sup>

Ctesias faz-nos a primeira descrição de uns seres que irão sempre marcar o imaginário europeu sobre o mundo asiático, os cinocéfalos. É-nos dito que “*En esas montañas dice que habitan hombres que tienen cabeza de perro. Se visten de pieles de animales, y no hablan lengua alguna, sino que aúllan como canes, de suerte que comprenden sus ladridos. Tienen dientes más grandes que*

---

<sup>173</sup> Cf. *Idem, Ibidem*, p.170.

<sup>174</sup> Cf. *Idem, Ibidem*, p. 153.

<sup>175</sup> Ctesias descreve-o como um pássaro que tem língua e voz de homem, tamanho de falcão e cara púrpura. Diz, ainda, que o seu corpo é azul-escuro, o seu pescoço cor de cinabre e que fala com o homem em indiano e que se aprender grego, que fala grego. Cf. *Idem, Ibidem*, pp. 153, 163.

<sup>176</sup> Cf. *Idem, Ibidem*, pp. 154-155.

<sup>177</sup> Uma vez que nessas montanhas “(...) *habitan los grifos, aves de cuatro patas, del tamaño de un lobo, com patas y garras de león; las plumas del pecho son rojas, las del resto del cuerpo negras. Por su causa el oro de las montañas, a pesar de su abundancia, es de obtención difícil.*” Cf. *Idem, Ibidem*, p. 160.

Segundo Juan Gil, este tipo de histórias não eram, senão, um embuste para dissuadir um possível rival económico de se deslocar a estes locais. Sobre todo o tipo de invenções que existiam a este respeito veja-se Juan GIL, *Op. Cit.*, p. 75.

<sup>178</sup> Cf. “Ctesias” in *La India y el Catay* (...), p. 156.

<sup>179</sup> Cf. *Idem, Ibidem*, pp. 158-159.

<sup>180</sup> Cf. *Idem, Ibidem*, p. 161.

<sup>181</sup> Cf. *Idem, Ibidem*, pp. 161-162.

*los perros (...) Viven en las montañas hasta el río Indo. Son negros y sobremanera justos (...) Los indios los llaman calistrios, que en griego significa ‘cara de perro’.*”<sup>182</sup>

Ctesias não se limitou a descrever pela primeira vez os papagaios, os tigres ou os cinocéfalos. Este descreveu, ainda, os rinocerontes. Animais que, durante mais de 1500 anos, foram imaginados pelos europeus como figuras graciosas, os unicórnios.

O autor descreveu-os da seguinte forma: *“En la India nacen asnos salvajes iguales y aun mayores que caballos. Son blancos de cuerpo, de cabeza de color purpúro y de ojos azul oscuro; tienen un cuerno en la frente (...) La base del cuerno (...), es muy blanca; la punta es aguda y de color purpúreo, muy roja; la parte central del cuerno es negra (...) el más hermoso que yo jamás haya visto, que es como de buey en su forma y tamaño, pesa como el plomo, y en su superficie y en su interior es rojo como el cinabrio.*”<sup>183</sup>

Ainda que Ctesias descreva os rinocerontes como parecidos com os bois, na sua força e tamanho, e que diga que estes são pesados “como chumbo”, até aos descobrimentos<sup>184</sup> portugueses, e até à primeira representação de um rinoceronte, por Dürer, estes são imaginados pelos europeus como animais belos e elegantes, associados à pureza e à força, os unicórnios.<sup>185</sup>

Por fim, Ctesias faz menção a homens com oito dedos em cada mão e em cada pé e a homens *“(...) que tienen las orejas tan grandes, que les cubren los brazos hasta el codo, por detrás les tapan la espalda y con una oreja se tocan la otra.*”<sup>186</sup>

<sup>182</sup> Cf. *Idem, Ibidem*, pp. 163-164.

<sup>183</sup> Cf. *Idem, Ibidem*, pp. 166-167.

<sup>184</sup> Apesar de a palavra *descobrimientos* já ter sido substituída por *descompartimentação*, pelo facto de os povos extraeuropeus conceberem que a primeira transmitia, apenas, a visão europeia, neste trabalho, por uma questão pragmática, falaremos, apenas, em *descobrimientos*. Cf. João Paulo Oliveira e COSTA, e Teresa LACERDA, *A interculturalidade na expansão portuguesa, séculos XV-XVIII*, Lisboa, ACIME, 2008, p.28.

<sup>185</sup> Aliás, nos primeiros tempos da expansão portuguesa, ainda se fala da existência destes animais míticos. É o que acontece no caso de *Marco Paulo*, de Valentim Fernandes, em que o mesmo, entre papagaios e elefantes, afirma que existem, também, unicórnios. Cf. Valentim FERNANDES (1502), *Marco Paulo* (introdução e índices por Francisco Maria Esteves Pereira), Lisboa, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1922, p. ajv.

Obviamente que hoje conseguimos compreender que se trata de um rinoceronte, no entanto, temos que compreender que no início do século XVI tudo era suscetível de existir. Durante a Época Moderna, a conceção do mundo, e dos seus seres, era bastante plástica, mudando com frequência, o que leva estes homens a admitirem a possibilidade de existirem todos os seres.

<sup>186</sup> Cf. “Ctesias” in *La India y el Catay (...)*, pp. 159-160.

Mas não só os gregos percorreram sobre a Índia, também os romanos o fizeram.

Plínio, o Velho, foi um deles.<sup>187</sup>

Tal como os autores gregos já abordados, Plínio volta a fazer menção ao elevado número de povos que habitam o território indiano, 9000 segundo os seus cálculos, afirmando que tal sucede devido ao facto de os indianos serem “(...) *el único pueblo que no haya emigrado jamás de su patria.*”<sup>188</sup>

Plínio refere, também, o facto de alguns indianos se alimentarem de carne humana, o tamanho “assombroso” dos rios indianos, bem como o facto de o firmamento e o clima serem peculiares nesta zona do globo.<sup>189</sup>

Tal como nos textos gregos, este autor fala-nos das riquezas da Índia, bem como da existência de homens fabulosos, que têm os olhos nos ombros, só uma perna, com a qual se protegem do sol, ou que não têm boca, entre outros.<sup>190</sup>

No entanto, consideramos que a parte mais importante do relato de Plínio é a seguinte: “*Entre los indios más civilizados a cada cual el está asignado un tipo de vida diferente. Unos cultivan la tierra; otros se dedican a la milica; otros exportan sus mercancías e importan las foráneas; los mejores y más ricos rigen los negocios públicos, administran justicia y aconsejan a los reys; la quinta casta, consagrada a la sabiduría - a la que honran y toman casi como una religión - pone siempre fin a su vida con una muerte voluntaria en la pira que han encendido previamente. Hay, además, una última casta*

---

<sup>187</sup> Nascido por volta de 24 ou 23 d.C., pertenceu ao círculo do general e poeta Pompónio Segundo. Foi oficial de cavalaria, servindo na Germânia e tendo estreita relações com o Imperador Tito Flávio Vespasiano. Plínio faleceu em 76 d.C., durante a erupção do Vesúvio. O texto que aqui se analisa é retirado da sua grande obra enciclopédica, intitulada *La Historia Natural*, dedicada ao Imperador Tito. A mesma é composta por trinta e sete livros e tem o mérito de adicionar novos dados sobre a Taprobana e sobre a navegação do Egipto até à Índia. Segundo Juan Gil, Plínio segue, em linhas gerais, Megástenes e Eratóstenes, justapondo a ciência do século III a. C. às novidades do seu tempo, sem estudá-las em profundidade. Cf. Juan GIL, *Op. Cit.*, pp. 287-288.

<sup>188</sup> Cf. “Plinio el Viejo” in *La India y el Catay (...)*, p. 291.

O que, em parte, não deixa de ser verdade, uma vez que a elevada fecundidade das terras sempre levou a uma baixa taxa de emigração.

<sup>189</sup> Cf. “Plinio el Viejo” in *La India y el Catay (...)*, pp. 290-291.

<sup>190</sup> Cf. *Idem, Ibidem*, pp. 310-314.

*semisalvaje abrumada por un inmenso trabajo del que están exentas las antedichas, el de cazar y domar los elefantes (...)*.<sup>191</sup>

Isto é, Plínio apresenta-nos uma descrição, ainda que não seja perfeita, do sistema de varna (castas) da sociedade indiana.

Mas não é o único a fazê-lo. Também Arriano<sup>192</sup> o faz posteriormente. Este afirma que: *“Todos los indios se dividen aproximadamente en siete castas. Una la forman los sabios, que son menos en número que los demás, pero tenidos en mayor honra y estima; en efecto, no están obligados a hacer trabajos corporales ni a entregar al erario una parte de su esfuerzo. En realidad, su único deber estriba en ofrecer sacrificios a los dioses por el bien de la comunidad (...) después de éstos viene la casta segunda, la dos labradores, que es la más numerosa. No tienen armas ni entienden de artes marciales, sino que cultivan la tierra y pagan tributo a los reys y a las ciudades que son independientes (...) La tercera es la de los pastores: overejos y boyeros (...) La cuarta la constituyen los artesanos y mercaderes (...) Los guerreros forman la quinta casta, la más numerosa después de la de los labradores y la que disfruta de mayor libertad y comodidades (...) La sexta es la de los llamados inspectores. Éstos vigilan lo que sucede en el campo y en ciudad y se lo comunican al rey, allí donde existe una monarquía, o bien a los magistrados, allí donde las ciudades son independientes (...) Componen la séptima los que deliberan sobre el bien común con el rey o, en las ciudades que son independientes, con los magistrados.”*<sup>193</sup>

Depois desta descrição exaustiva, Arriano declara: *“Está prohibido tomar por esposa a una mujer de otra casta, por ejemplo, a los labradores casarse con una mujer de los artesanos, y viceversa. También está prohibido que un mismo hombre desempeñe dos oficios, o que cambie de una casta a otra, como pasar de pastor a agricultor o de artesano a pastor.”*<sup>194</sup>

---

<sup>191</sup> Cf. *Idem, Ibidem*, p. 294.

<sup>192</sup> Natural da Bitínia, zona da atual Turquia, Arriano mudou-se durante a sua juventude para Nicópolis. Foi cônsul, procônsul, tendo, ainda, ocupado vários cargos municipais. À morte do Imperador Adriano, retirou-se para Atenas, onde se dedicou à escrita da obra aqui analisada. Cf. “Arriano” in *La India y el Catay (...)*, pp. 315-316.

<sup>193</sup> Cf. *Idem, Ibidem*, pp. 327-329.

<sup>194</sup> Cf. *Idem, Ibidem*, pp. 329.330.

Estes dois autores não foram os primeiros a descrever a organização social da Índia. Já Megástenes, que tinha frequentado a corte de Chandragupta, o havia feito. No entanto, a sua descrição ainda é bastante imperfeita e, por vezes, idealizada, misturando muitas vezes as distintas varnas com simples ofícios.<sup>195</sup> Que é, precisamente, o que Plínio e Arriano também fazem.

O sistema de varna<sup>196</sup> é um sistema de divisão social, herdado das invasões arianas, de c.1500 a.C.. Aquando das invasões, os arianos vêm divididos em três varnas, ou grupos sociais: brahmana, kshatriya e vaishya. Estes correspondem, *grosso modo*, à classe sacerdotal, guerreira e produtiva, respetivamente. Porém, aquando da chegada dos invasores ao novo território, foi surgida uma nova varna: shudra, que englobou os autóctones, os dravidianos. Assim, esta passou a ser a varna responsável pelo sustento, pelas atividades agrícolas e piscatórias, por exemplo.<sup>197</sup>

Dentro de cada varna, ou grupo, existem várias profissões. Existem várias jati, ou várias “castas”.<sup>198</sup>

Ainda que nenhuma das duas descrições apresentadas seja perfeita, a de Plínio parece ser a mais próxima da realidade, uma vez que faz uma divisão mais assente nas diversas varnas, ao passo que Arriano confunde bastante os diversos ofícios com as castas.

Ainda assim, Arriano tem razão ao afirmar que as diversas varna são grupos fechados sobre si mesmos, em que a progressão social e o casamento fora da casta de origem não são aceitáveis.<sup>199</sup>

Pelo exposto se depreende que, durante o Império Romano, a Europa continuou a estabelecer contactos com o Oriente. As trocas comerciais entre os

---

<sup>195</sup> Cf. Juan GIL, *Op. Cit.*, p. 36.

<sup>196</sup> Palavra que significa “cor”. Esta é, portanto, uma divisão da sociedade assente num conceito pejorativo.

<sup>197</sup> Existia, ainda, uma quinta varna, apesar de não ser, oficialmente, considerada enquanto tal. A dos párias. Correspondia às pessoas que se ocupavam das profissões consideradas mais indignas da sociedade, como as que envolvam tratar do lixo ou dos mortos, por exemplo. Cf. Romila THAPAR, *Op. Cit.*, p. 134.

<sup>198</sup> De referir que a palavra “casta” é de origem portuguesa, surgida no âmbito dos descobrimentos, mas será utilizada neste contexto por uma questão de comodidade.

<sup>199</sup> Cf. *Idem, Ibidem*, pp. 135-136.

dois mundos continuavam a existir<sup>200</sup> e vários Imperadores romanos, receberam várias embaixadas da Índia. E, deste modo, o sonho dos europeus em chegar à Índia continuou a existir.<sup>201</sup>

Porém, e ainda que Bizâncio tenha mantido relações diplomáticas com o Oriente depois da queda do Império romano do Ocidente, a verdade é que a queda do mesmo levou a uma inevitável quebra do conhecimento do Oriente. O que foi agravado pelo difundir de uma geografia mítica, imposta pela Bíblia, bem como, a partir de 650, pelo surgimento do Islão, uma vez que tal implicou o corte do tráfico marítimo entre os dois mundos.<sup>202</sup>

No entanto, devido à fama de Alexandre, o *Grande*, a Índia nunca foi totalmente esquecida pelos europeus, agravado pelo facto de, por via do Islão, chegarem contos e fábulas sobre esse longínquo território.<sup>203</sup>

De facto, durante a Idade Média, a Europa viveu bastante fechada sobre si própria, e os seus habitantes viajavam pouco. Pelo que não é de estranhar que, em pleno século VII, Santo Isidoro de Sevilha nos apresentasse a seguinte descrição sobre a Índia: *“Do mesmo modo que em cada povoação aparecem alguns homens monstruosos, assim também no conjunto do género humano existem alguns povos de seres monstruosos (...) Os cinocéfalos devem o seu nome ao facto de terem cabeça de cão (...) Nascem na Índia. Também a Índia engendra ciclopes. Denominam-se «ciclopes» porque ostentam um olho no meio da frente (...) Crê-se que na Líbia nascem os blemnias, que apresentam um tronco sem cabeça e que têm os olhos nos ombros (...)”*.<sup>204</sup>

Isto é, devido ao surgimento do Islão<sup>205</sup> e à geografia mítica imposta pela Bíblia, os homens da Idade Média aceitaram as descrições fabulosas dos clássicos, voltando a descrever, de forma acrítica, o mesmo que estes, como é o caso de Santo Isidoro.

---

<sup>200</sup> Apesar da guerra intermitente que Roma sempre viveu com a Pérsia, intermediária entre o Ocidente e o Oriente. Cf. Juan GIL, *Op. Cit.*, p. 81.

<sup>201</sup> Cf. *Idem, Ibidem*, pp. 42-50.

<sup>202</sup> Cf. *Idem, Ibidem*, pp. 92-93.

<sup>203</sup> Cf. *Idem, Ibidem*, pp. 100-102.

<sup>204</sup> Cf. S. Isidoro de SEVILHA, *Etimologias*, vol. VII, Madrid, La Editorial Catolica, 1983, pp. 49-51.

<sup>205</sup> Que levou, como se referiu, a um grande corte direto do tráfico marítimo entre o Ocidente e Oriente e, conseqüentemente, a uma maior intermediação entre os dois mundos através de agentes islâmicos. Era, maioritariamente, através destes que os europeus ouviam algumas descrições sobre a Ásia ou adquiriam produtos deste continente. Cf. Juan GIL, *Op. Cit.*, pp.92-93.

Porém, esta situação muda um pouco a partir do século XII. A partir desta altura, a Europa conheceu um período de grande fluxo de homens e ideias, sendo os viajantes desta época bastante diversificados.<sup>206</sup>

Entre estes temos os irmãos Niccolò e Matteo Polo, que terão sido os primeiros a chegar a Kambaluc, território da atual cidade de Pequim, onde, para além de realizarem excelentes negócios, foram recebidos na corte do Imperador Kublai Khan. Regressados a Veneza, em 1269, de onde eram naturais, as suas narrativas terão entusiasmado Marco, filho de Niccolò, de tal forma que este, em 1271, quando o seu pai e o seu tio decidem empreender uma nova viagem, acompanha-os.<sup>207</sup>

Os Pollo terão regressado à sua terra natal em 1295 sendo que, pouco depois, Marco descreve a sua aventura na obra denominada *O Livro de Marco Polo*.<sup>208</sup> Nela, Polo faz uma descrição muito precisa da sua viagem à China, bem como do seu regresso através da Malásia e da Índia. A par destas descrições precisas, continuavam a circular várias fábulas como o facto de existirem cinocéfalos, amazonas ou vales de diamantes.<sup>209</sup>

Era desta forma que se descrevia o Oriente no século XIII. No final da Idade Média, o mundo asiático continuava a ser, para os europeus, um lugar onde o ouro e as pedras preciosas<sup>210</sup> abundavam, mas também o local onde existiam seres, tanto humanos como animais, monstruosos. Pelo que se tratavam, de facto, “*mais de bestas que de homens*”.<sup>211</sup>

Cerca de dois séculos depois, estas conceções começariam, pouco a pouco, a mudar, graças à ação dos portugueses.

---

<sup>206</sup> Viajariam, com alguma regularidade, peregrinos, cavaleiros, eclesiásticos, exploradores e mercadores. Cf. Paulo LOPES, *Os livros de viagens medievais*, nº2, Lisboa, IEM - Instituto de Estudos Medievais, 2006, p.2.

Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/iem/MEDIEVALISTA2/MEDIEVALISTA2/PDF2/viagens-PDF.pdf> [Consultado a 12 de Fevereiro de 2013].

<sup>207</sup> Cf. Vitorino Magalhães GODINHO, *Mito e Mercadoria, Utopia e Prática de Navegar (Séculos XIII-XVIII)*, Lisboa, Difel - Difusão Editorial, Lda, 1990, p. 281.

<sup>208</sup> Cf. *Idem, Ibidem*, p. 586.

<sup>209</sup> Cf. Juan GIL, *Op. Cit.*, p. 111.

<sup>210</sup> Bem como as especiarias e outros artigos exóticos.

<sup>211</sup> Cf. S. Isidoro de SEVILHA, *Op. Cit.*, p. 49.

## PORTUGUESES - MAIS LONGE QUE GREGOS E ROMANOS

*“Cessem do sábio grego e do troiano/ As navegações grandes que fizeram; / Cale-se de Alexandre e de Trajano/ A fama das vitórias que tiveram, / Que eu canto o peito ilustre lusitano, / A quem Neptuno e Marte obedeceram; / Cesse tudo o que a Musa antiga canta, / Que outro valor mais alto se levanta.”*<sup>212</sup>

Era desta forma que Luís de Camões, no século XVI, iniciava a sua epopeia sobre os feitos dos portugueses. Afirmando que eles haviam passado por *“mares nunca dantes navegados”*, passando para além da mítica Taprobana, a que os clássicos se referiam.<sup>213</sup> Os mesmos clássicos a quem João de Barros<sup>214</sup> ou Duarte Pacheco Pereira,<sup>215</sup> por exemplo, se referiram para refutar e questionar a veracidade das suas informações.

---

<sup>212</sup> Cf. Luís de CAMÕES, *Os Lusíadas*, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2002, canto I, estrofe 3, p.30.

<sup>213</sup> A mesma corresponde ao Ceilão, tendo Estrabão feito uma descrição sobre este mesmo território. Cf. “Estrabón” in *La India y el Catay (...)*, p. 188.

<sup>214</sup> João de Barros nasceu em 1496, provavelmente em Viseu, no seio de uma família fidalga, onde se destacavam membros que costumavam frequentar a corte bem como membros do Alto Clero. Devido à morte do seu pai, João de Barros acaba por ser admitido na corte por D. Manuel I, através do intermediário de D. João de Menezes, camareiro-mor do herdeiro D. João. Deste modo, João de Barros é educado na escola do Paço, juntamente com outros moços fidalgos. Sendo que é, portanto, aqui que vem buscar a sua formação literária, e não à Universidade. Tendo o privilégio de crescer com o príncipe D. João, futuro D. João III, João de Barros acaba por ser nomeado moço de guarda-roupa, quando D. Manuel I põe casa própria ao herdeiro. Terá, então, surgido uma relação de forte amizade e proteção entre os dois homónimos, de tal forma que, em 1520, o príncipe terá acompanhado todo o processo de produção da primeira obra de João de Barros, a *Crónica do Imperador Clarimundo*, com entusiasmo. E é, precisamente, esta crónica, que exalta as origens da casa real portuguesa, que estará na base deste texto que aqui se pretende analisar. Cf. Ana Isabel BUESCU, «A Ásia de João de Barros - um projecto de celebração imperial» in *D. João III e o Império. Actas do Congresso Internacional Comemorativo do seu Nascimento*, Lisboa, CHAM & CEPCEP, 2004, pp. 57-58.

<sup>215</sup> Nascido no terceiro quartel do século XV, Duarte Pacheco Pereira foi um dos mais destacados protagonistas da Expansão portuguesa, devido às viagens de exploração que protagonizou, aos feitos militares no Oriente que o celebrizaram e à obra *Esmeraldo de Situ Orbis*, súpula dos seus vastos conhecimentos geográficos e cosmográficos. Duarte Pacheco Pereira descendia de linhagens distintas da Nobreza portuguesa, apesar de tanto o seu avô, Gonçalo Pacheco, tesoureiro da casa de Ceuta e um dos comerciantes mais ricos de Lisboa à época, como o seu pai, João Pacheco, serem filhos bastardos. Após a morte do seu pai, em combate contra os muçulmanos, entrou ao serviço da Coroa, tendo sido cavaleiro da casa de D. João II. É ao serviço deste Rei que iniciou o seu percurso de navegador, capitaneando viagens de exploração da costa ocidental africana. Em 1490 figurava como membro da guarda pessoal do Rei e em 1494 encontrava-se entre os representantes escolhidos por D. João II para negociar a fixação dos limites do Tratado de Tordesilhas. Algumas fontes indicam também que terá integrado a armada de Pedro Álvares Cabral em 1500, apesar de não ter comandado

O Primeiro afirma que tem amor à sua pátria, querendo “(...) *tirar a infamia d’algumas fabulas, e ignorancias, que andam na boca do vulgo, e per papeis escritos dignos de seus Auctores*”<sup>216</sup>, enquanto que o segundo afirma claramente que a experiência “(...) *nos faz viver sem engano das abusões e fábulas que alguns dos antigos cosmógrafos escreveram acerca da descrição da terra e do mar*”.<sup>217</sup>

Ou seja, pelo experiencialismo, decorrente das viagens marítimas portuguesas, começam-se a pôr em causa as descrições que os clássicos haviam feito, considerando-se as mesmas, como se conclui pelas descrições acima transcritas, como fábulas.

A verdade é que apesar de os portugueses criticarem os clássicos por este motivo, também acabaram por incorrer, várias vezes, no mesmo erro.

Por exemplo, em 1501, D. Manuel I mandava a seguinte carta aos Reis Católicos: “*Envió el navio a haver nuevas de la mina de Zofala (...) y allí allí nuevas que entre los hombres que traen el oro allí á cuestras, vienem muchos que tienen quatro ojos, dos delante e dos detrás, y son hombres pequeños de cuerpo é bermejos, y diz que son crueles é que comen los hombres con quien tien guerra, y que las vacas del rey traen collares de oro gruesos al pescuezo.*”<sup>218</sup>

Ou seja, por muito que se comece a ter, pouco a pouco, uma conceção mais real do mundo, ainda existe uma grande dificuldade em fazer desaparecer as imagens tradicionais que se tinham da Índia e dos seus seres. É difícil a D.

---

nenhuma embarcação. Tendo servido no Oriente até 1504, no seu regresso ao Reino ter-se-á ocupado da elaboração do *Esmeraldo de Situ Orbis*, obra que, no entanto, deixou inacabada, dado que a partir de 1509 foi de novo chamado a servir a Coroa no mar. No entanto, com a morte do Rei, em 1521, terminou abruptamente este período benfazejo da carreira de Duarte Pacheco Pereira. Caído em desgraça devido à nova conjuntura política, advinda da subida ao trono de D. João III, Duarte Pacheco Pereira regressou aprisionado ao Reino em 1522, detido sem acusação conhecida e com os seus bens confiscados. Apesar de rapidamente ter sido ilibado e posto em liberdade, nunca mais a sua carreira atingiu o prestígio anterior. Viveu em Portugal os seus últimos anos, falecendo em data desconhecida, provavelmente entre 1531 e 1533. Cf. José FERREIRA, S. V. “PEREIRA, Duarte Pacheco (? - 1531/3) ” in *CHAM - Enciclopédia Virtual da Expansão Portuguesa*. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/cham/eve/> [Consultado a 14 de Fevereiro de 2013].

<sup>216</sup> Cf. João de BARROS, *Ásia*, I, i, 1.

<sup>217</sup> Cf. Duarte Pacheco PEREIRA, *Esmeraldo de Situ Orbis*, Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa, 1975, p. 20.

<sup>218</sup> Cf. [D. MANUEL I] “Carta de D. Manuel I aos Reis Católicos, Santarém, 27.VII.1501” in *A Expedição de Pedro Álvares Cabral e o Descobrimento do Brasil*, Jaime Cortesão, Lisboa, IN-CM, 1994, p.186.

Manuel I assumir que não encontrou os seres fantásticos que durante séculos se pensou que existissem.

Ainda assim, segundo Gaspar da Cruz, o que se dizia sobre a Índia, acabou por cair por terra, aquando da chegada dos portugueses à mesma, apesar de nos primeiros tempos, os próprios portugueses continuarem a pensar que as criaturas magníficas a que os clássicos se referiam existiam, de facto, mas nas zonas mais longínquas, onde ainda não tinha sido possível chegar.<sup>219</sup> Nos primeiros tempos da expansão portuguesa em terras asiáticas, a geografia ainda não era perfeitamente nítida, existindo ainda algumas confusões.<sup>220</sup>

Ainda que os clássicos sejam várias vezes criticados pelos seus exageros e pelas suas fantasias, a verdade é que estes continuam a ser um exemplo. Daí que os autores portugueses da época tivessem uma grande necessidade de afirmar várias vezes que os portugueses foram mais longe do que os clássicos.

Tal é visível na estrofe dos *Lusíadas*, mas também no prólogo do *Esmeraldo de Situ Orbis*, onde Duarte Pacheco Pereira afirma: “*Mas qual eloquência terá tanta perfeição, que perfeitamente possa dizer o peso de tão grandes feitos como os do nosso César Manuel? Cá Marco Túlio, o mais excelente dos Latinos, e Homero e Demóstenes, os principais oradores dos Gregos, que por excelência sua eloquência entre todos os mortais até agora floresceu, certamente suas mãos temeram de escrever feitos de tamanha gravidade.*”<sup>221</sup>

Já Valentim Fernandes,<sup>222</sup> por seu turno, compara D. Manuel I ao Rei Salomão, a Alexandre Magno ou aos romanos sendo que, segundo o próprio, os feitos do monarca português ultrapassam os dos restantes.<sup>223</sup> Uma vez que

<sup>219</sup> Cf. Juan GIL, *Op. Cit.*, pp. 131-132.

<sup>220</sup> Francisco Xavier, por exemplo, chega a distinguir a China do Cataio, de Marco Polo. Cf. *Idem, Ibidem*, 136.

<sup>221</sup> Cf. Duarte Pacheco PEREIRA, *Op. Cit.*, p.18.

<sup>222</sup> Originário da Morávia, terá partido para Nürnberg e, posteriormente, para Sevilha, onde começa a fazer relatos dos descobrimentos e das conquistas. Entretanto, em 1494, devido à peste, há um médico de Nürnberg - Jerónimo Münzer - que se desloca à Península Ibérica e para quem Valentim passa a servir de intérprete. Desta forma, vários autores acreditam que Valentim tenha acompanhado Münzer na sua visita a Portugal, onde terão chegado a 16 de Novembro do mesmo ano. Depois disto, Valentim terá sido contratado como intérprete na cidade de Lisboa e terá tido, conseqüentemente, acesso às cortes de D. João II e de D. Manuel I, pela via de Münzer. Cf. João José Alves DIAS (coordenação), *No quinto centenário da Vita Christi*, Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1995, pp. 16-18.

<sup>223</sup> Isto na medida em que o primeiro necessitou da ajuda do rei de Damasco para chegar a Orphir, Alexandre e o seu capitão Onesícrito ficariam, claramente, na sombra de D. Manuel,

este<sup>224</sup> tinha conseguido chegar desde Ceuta “(...) *alem do Mar roxo e Syno persico ate o Syno colchico (...)*”, o que leva a Valentim Fernandes afirmar que “(...) *todo ho vniuerso mundo se marauilha.*”<sup>225</sup>

E, de facto, “todo o mundo” se maravilhava. Esta não era apenas a posição destes quatro autores modernos apresentados, era a posição de muitos portugueses. Estes tinham conseguido ir mais longe que gregos e romanos, modelos civilizacionais seguidos durante o período renascentista que se vivia, conseguindo mesmo corrigir os seus erros.

## CONCLUSÃO

Pelo exposto, conclui-se que, até ao século XV, a civilização europeia não tinha consciência da verdadeira dimensão do planeta e da diversidade da sua fauna e flora. No entanto, este não é um aspeto exclusivo da Europa. De facto, até aos descobrimentos portugueses, nenhuma civilização tinha esta perceção. Este foi um facto que só começou a mudar, progressivamente, a partir da expansão portuguesa.<sup>226</sup> Só a partir de então, a imagem do mundo alcança, pela primeira vez, uma dimensão planetária.<sup>227</sup>

Na verdade, foi a viagem de Gil Eanes, em 1434, que veio, de certo modo, abrir “as portas à Modernidade”, rompendo com o medo do Mar Tenebroso, que inibia a circulação pelo oceano e, desta forma, a comunicação entre os vários continentes.<sup>228</sup>

No entanto, esta viagem não significou o fim das dúvidas sobre a configuração do mundo, como já vimos acima. De facto, nos inícios do século XVI, estas dúvidas continuavam a ser enormes. O mapa de Cantino é um bom

---

bem como os romanos que nunca teriam conseguido ultrapassar as colunas de Hércules, isto é, o estreito de Gibraltar.

<sup>224</sup> “(...) *sem ajuda de nenhuũ outro rey (...)*”. Cf. Valentim FERNANDES (1502), *Op. Cit.*, p. aiijr.

<sup>225</sup> Cf. *Idem, Ibidem*, p. aiijr.

<sup>226</sup> Tal como referiu Silva Dias, o Mundo viveu um “choque existencial”, em que se punham, várias vezes, em causa os antigos, uma vez que se descobria algo de novo quase diariamente. Cf. J. S. Da Silva DIAS, *Os Descobrimentos e a Problemática Cultural do Século XVI*, Lisboa, Editorial Presença, 1988, p. 131.

<sup>227</sup> Cf. Luís Filipe BARRETO, *Os Descobrimentos e a Ordem do Saber - Uma Análise Sociocultural*, Lisboa, Gradiva, 1989, p. 11.

<sup>228</sup> Cf. João Paulo Oliveira e COSTA, e Teresa LACERDA, *Op. Cit.*, p. 29.

exemplo destas dúvidas, uma vez que mistura aspetos tradicionais com modernos, fruto das descobertas portuguesas.<sup>229</sup>

Tal como as fontes portuguesas apresentadas o são. Por um lado, estas criticam os clássicos pelas suas efabulações e, por outro lado, acabam muitas vezes por cair no mesmo erro.<sup>230</sup>

Ainda assim, e tal como já vimos, os clássicos continuavam a representar um modelo a seguir, ou não se vivesse em pleno período renascentista. Pois, tal como afirmou Luís Filipe Barreto, “Os *antigos/autoridades* são, no Renascimento, ainda saber, mas já não o saber.” Isto é, o seu legado estava interiorizado nos campos científico-filosófico, mas já não eram tidos por infalíveis, servindo, como se viu, como termo de identificação mas também de comparação.<sup>231</sup> Justificando-se, deste modo, a necessidade de os autores portugueses afirmarem várias vezes que os portugueses haviam ido mais longe do que gregos e romanos, corrigindo os seus erros.

Em simultâneo, D. Manuel I é comparado a Alexandre, o *Grande*, que, como também já foi dito, desenvolveu um grande campanha militar na Ásia e foi divinizado ainda em vida. Em comparação, D. Manuel I aspirava ao título Imperial, facto que os seus contemporâneos consideravam possível, devido aos seus grandes feitos.<sup>232</sup>

Por fim, importa referir que, ainda que os antigos fossem um modelo a seguir, em momento algum se encontram diretrizes dos reis portugueses para procurar o Cataio de Marco Polo, por exemplo. Pelo contrário, o avanço português na Ásia fazia-se com base nas informações obtidas no terreno, e não

---

<sup>229</sup> Este mapa data de 1502 e, pela primeira vez, representa o continente africano com o seu recorte a sul, permitindo o contacto ente o Atlântico e o Índico. Por seu turno, a Índia surge já como uma península e a Indochina e Samatra surgem também representadas, apesar de os portugueses ainda não terem lá chegado. Por outro lado, o Brasil também já está presente, apesar de as suas linhas costeiras ainda serem bastante imprecisas. Tudo isto é fruto dos descobrimentos portugueses, ao passo que, por outro lado, nos locais menos explorados continuam a aparecer representações de inspiração ptolemaica. Cf. *Idem, Ibidem*, pp. 31-32.

<sup>230</sup> Um bom exemplo é a questão da existência de unicórnios, como já se viu em cima. Tal como já se referiu que, no início da expansão portuguesa, tudo era suscetível de existir. Pois, tal como Vitorino Godinho afirmou: “(...) *tudo era possível, ou nada impossível* (...)”. Cf. Vitorino Magalhães GODINHO, *Op. Cit.*, p.92.

<sup>231</sup> Cf. Luís Filipe BARRETO, *Caminhos do Saber no Renascimento Português - Estudos de História e Teoria da Cultura*, Porto, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1986, pp. 85-88.

<sup>232</sup> Sobre isto veja-se João Paulo Oliveira e COSTA, «Um país que se afirma» in *D. Manuel I. Um Príncipe do Renascimento*, [s.l.], Círculo de Leitores, 2005, pp.175-179.

a partir das descrições de antigos viajantes. Na verdade, o único mito que parece ter condicionado a expansão lusa era o do Preste João.<sup>233</sup>

Através de rotas comerciais milenares, nomeadamente da “rota da seda”, os europeus haviam chegado à Ásia e descrito a mesma, logo no século V a.C.. Porém, deixaram-se maravilhar pelo que viam e não foram capazes de fazer<sup>234</sup> descrições precisas da realidade que encontraram, efabulando.

Posteriormente, estas concepções foram mantidas e, nalguns casos, reforçadas. Deste modo, em finais do século XV, inícios do século XVI, observamos os portugueses a “chegarem mais longe que gregos e romanos” e, pela experiência, a fazerem cair por terra, pouco a pouco, as concepções milenares que circulavam do mundo asiático.

---

<sup>233</sup> Cf. *Idem, Ibidem*, p.158.

<sup>234</sup> Ou não as quiseram fazer, como é o caso dos mercadores, como já foi referido.

## FONTES

[D. MANUEL I], “Carta de D. Manuel I aos Reis Católicos, Santarém, 27.VII.1501” in *A Expedição de Pedro Álvares Cabral e o Descobrimento do Brasil*, Jaime Cortesão, Lisboa, IN-CM, 1994. ISBN 972-27-0698-5.

BARROS, João de, *Da Ásia: dos feitos que os portugueses fizeram no descobrimento dos mares e terras do Oriente*, 24 vols., Lisboa, Livraria Sam Carlos, 1973-1975. (citado por autor, década, livro e capítulo).

CAMÕES, Luís de, *Os Lusíadas*, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2002. ISBN 972-42-2734-0.

FERNANDES, Valentim (1502), *Marco Paulo* (introdução e índices por PEREIRA, Francisco Maria Esteves), Lisboa, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1922.

GIL, Juan (org.), “Textos de la Antigüedad clásica” in *La India y el Catay - Textos de la Antigüedad Clásica y del Medievo Occidental*, Madrid, Alianza Editorial, 1995. ISBN 9788420628301.

PEREIRA, Duarte Pacheco, *Esmeraldo de Situ Orbis*, Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa, 1975.

SEVILHA, S. Isidoro de, *Etimologias*, vol. VII, Madrid, La Editorial Católica, 1983.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Luís Filipe, *Caminhos do Saber no Renascimento Português - Estudos de História e Teoria da Cultura*, Porto, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1986.

BUESCU, Ana Isabel, «A Ásia de João de Barros - um projecto de celebração imperial» in *D. João III e o Império. Actas do Congresso Internacional Comemorativo do seu Nascimento*, Lisboa, CHAM & CEPCEP, 2004. ISBN 972-98672-7-5.

COSTA, João Paulo Oliveira e, *D. Manuel I. Um Príncipe do Renascimento*, [s.l.], Círculo de Leitores, 2005. ISBN 978-972-759-920-2.

COSTA, João Paulo Oliveira e, e LACERDA, Teresa, *A interculturalidade na expansão portuguesa, séculos XV-XVIII*, Lisboa, ACIME, 2008. ISBN 978-989-8000-31-6.

DIAS, J. S. Da Silva, *Os Descobrimentos e a Problemática Cultural do Século XVI*, Lisboa, Editorial Presença, 1988. ISBN 9789722301053.

DIAS, João José Alves (coordenação), *No quinto centenário da Vita Christi*, Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1995. ISBN 972-565-213-4.

FERREIRA, José, S. V. “PEREIRA, Duarte Pacheco (? - 1531/3) ” in *CHAM - Enciclopédia Virtual da Expansão Portuguesa*. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/cham/eve/> [Consultado a 14 de Fevereiro de 2013].

GARCÍA DUAL, Carlos “El Último Héroe de Grecia - Alejandro Magno” in *Historia - National Geographic*, nº 67, Madrid, 2009, pp. 42-51.

GIL, Juan, *La India y el Catay - Textos de la Antigüedad Clásica y del Medievo Occidental*, Madrid, Alianza Editorial, 1995. ISBN 9788420628301.

GIVE, Bernard de, *Les Rapports de l' Inde et de l'Occident. Des origines au règne d'Ásoka*, Paris, Les Indes Savantes, 2005. ISBN 978-2846540360.

GODINHO, Vitorino Magalhães, *Mito e Mercadoria, Utopia e Prática de Navegar (Séculos XIII-XVIII)*, Lisboa, Difel - Difusão Editorial, Lda, 1990. ISBN 972-29-0043-9.

GODINHO, Vitorino Magalhães, *Os Descobrimentos e a Ordem do Saber - Uma Análise Sociocultural*, Lisboa, Gradiva, 1989.

LIU, Xinru, *Ancient India and Ancient China. Trade and Religious Exchanges ad 1-600*, Oxford, Oxford University Press, 1988. ISBN 9780195620504.

LOPES, Paulo, *Os livros de viagens medievais*, nº2, Lisboa, IEM - Instituto de Estudos Medievais, 2006. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/iem/MEDIEVALISTA2/MEDIEVALISTA2/PDF2/viagens-PDF.pdf> [Consultado a 12 de Fevereiro de 2013]

MARKOVITS, Claude (direcção), *Histoire de l'Inde Moderne 1480-1950*, s.l., Fayard, 1994. ISBN 978-2213592039.

THAPAR, Romila, *A History of India*, vol. I, Londres, Penguin Books, 1990. ISBN 978-0-14-194976-5.

JOAQUIM, Ana Cláudia dos Santos. *A Ásia conhecida pelos europeus: dos relatos dos autores clássicos aos descobrimentos portugueses*. **Atas do IX Encontro Nacional de Estudantes de História**, Porto, Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Biblioteca Digital, 2014, p. 125-147, *eBook*

WARRY, John, *Grandes Batalhas - As Campanhas de Alexandre 334-323 a.C.. Alexandre Conquista a Ásia*, Barcelona, Osprey Publishing, 2010. ISBN 978-84-473-6885-3.

